

Planejamento docente como produção de possíveis nas práticas educativas

Teaching planning as the production of possibilities in educational practices

La planificación docente como producción de posibilidades en las prácticas educativas

Izaque Moura de Faria¹

Larissa Ferreira Rodrigues Gomes²

Resumo: Este artigo apresenta um curso de extensão para docentes, em que se discutiu o planejamento docente durante a pandemia de COVID-19. Fruto de uma pesquisa cartográfica, o curso buscou problematizar e expandir os conceitos de currículo, formação docente e planejamento, promovendo práticas mais autorais e que afirmam a docência como um ato de encontro. A maioria das 80 cursistas eram professoras de escolas públicas. O curso explorou o recreio como um espaço de aprendizado, a crítica ao “vírus do conteudismo” imposto por políticas curriculares e a noção de planejamento como um ensaio criativo e colaborativo, em vez de um roteiro fixo. O objetivo final foi incentivar práticas que valorizam a autoria de docentes e discentes além da expansão de saberes que extrapolam a lógica neoliberal.

Palavras-chave: Planejamento docente; Ensaio; Formação profissional.

Abstract: This article presents an extension course for teachers, in which we discussed lesson planning during the COVID-19 pandemic. The course, a result of cartographic research, sought to challenge and expand the concepts of curriculum, teacher training, and planning, promoting more original practices that affirm teaching as an act of encounter. The majority of the 80 participants were teachers from public schools. The course explored recess as a space for learning, critiqued the “contentism virus” imposed by curricular policies, and the notion of planning as a creative and collaborative rehearsal rather than a fixed script. The ultimate goal was to encourage practices that value the authorship of teachers and students, as well as the expansion of knowledge that transcends neoliberal logic.

Keywords: Teaching planning; Rehearsal; Teacher training.

Resumen: Este artículo presenta un curso de extensión para docentes, enfocado en la planificación docente durante la pandemia. Producto de una investigación cartográfica, el curso buscó problematizar y expandir conceptos de currículo, formación y planificación docente, promoviendo prácticas más autorales. La mayoría de las 80 participantes eran profesoras de escuelas públicas. Se exploró el recreo como espacio de aprendizaje y se criticó el “virus del conteudismo” de las políticas curriculares. Se propuso la planificación como un ensayo creativo y colaborativo, no un guion fijo, con el objetivo de fomentar la autoría de docentes y estudiantes y la expansión de saberes que trasciendan la lógica neoliberal.

Palabras-clave: Planificación docente; Ensayo; Formación docente.

Introdução

Cartograficamente, a pesquisa-intervenção que fundamenta este artigo foi expandindo o conceito de planejamento docente e produzindo enunciados acerca desse tema. Os produtos dessa pesquisa — como a dissertação, sua versão em livro e o curso de extensão aqui abordado

¹ Universidade Federal do Espírito Santo

² Universidade Federal do Espírito Santo

— constituem agenciamentos coletivos produzidos “com” o cotidiano escolar e com discentes e docentes através de uma postura cartográfica de pesquisa-intervenção. Neste artigo, apresentamos um desses produtos: o curso de extensão “Currículo e formação e planejamento docente no contexto em tela: planejamento docente ante e anti os efeitos da pandemia de COVID-19 na educação escolar pública na primeira etapa do Ensino Fundamental da Educação Básica”³.

No intento de superar dicotomias e maniqueísmos — a exemplo de Nilda Alves (2019) —, optamos pela fusão de alguns termos apresentando-os ao longo do texto unidos, sem hífen e em itálico. Trata-se de afirmar ortograficamente a simultaneidade de subjetividades e conceitos imanentes à educação escolar. Além disso, concordando com Abranches (2009, p. 18), sempre que necessário, será utilizada a barra para fazer “referência explícita a ambos os sexos de forma igual e paralela, o que implica tornar visível na linguagem o sexo invisível — na grande maioria dos casos, as mulheres — através da marcação sistemática e simétrica do gênero gramatical”. Ambas escolhas afirmativas da diferença enquanto força expansiva da vida.

A partir do curso, desejamos mobilizar o pensamento das/os professoras/es no sentido de afirmar suas autorias nas/pelas docências que *vivempraticam* e a potência de vida imanente no planejar docente. O planejamento tensiona criar aberturas para os possíveis dos acontecimentos escolares (Faria; Gomes, 2020). Planejar, nesse sentido, é uma forma de produzir novidade a partir do que já existe, a partir da conexão entre diferentes saberes, o que Corazza (2013) chama de transcriar: expandir conectando diferenças sem absorção, sem canibalismo apenas o extrapolar de saberes horizontalmente, num plano de consistência em constante crescimento.

Oportunidades para tal são produzidas cotidianamente nos acontecimentos escolares, naqueles instantes em que passado, presente e futuro se fazem sentir simultaneamente através dos enunciados e das existências das/os *praticantespensantes* da vida escolar (Lazzarato, 2006). Nesses instantes, os possíveis se efetivam e o *aprenderensinar* se produz pela problematização, conexão, expansão e transcrição de diferentes saberes enunciados por diferentes existências.

O curso constituiu-se atividade de formação de profissionais da educação com abrangência local, conectada ao NUPEC3⁴. Núcleo que busca fortalecer as parcerias entre as redes federais, municipais e estaduais de educação nos estudos e pesquisas em currículos por meio de diferentes ações. Na ação de que trata este artigo o objetivo foi problematizar e expandir

³ Curso realizado através da plataforma Moodle EducaSerra de Formação Docente a Distância entre 29/06/2020 e 17/07/2020, com certificação de 30h.

⁴ Núcleo de Pesquisa e Extensão em Currículos, Culturas e Cotidianos da Universidade Federal do Espírito Santo.

os conceitos de currículo, formação e planejamento docente tencionando contribuir com a produção de práticas educativas potentes em produzir e expandir saberes e existências mais autorais e emancipados da lógica neoliberal que formata saberes como produtos e estudantes como suas/eus consumidoras/es.

Inicialmente, as metas para a ação eram: envolver e conectar diretamente 40 cursistas – entre docentes, graduandas de pedagogia e técnicos escolares – através de um curso com certificação de 30 horas, não presencial desenvolvido em Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) Moodle; e a produção escrita de textos narrativos potentes em disparar problematizações para além do curso.

Contudo, dada a grande demanda pelo curso (três horas após a abertura das inscrições já havia 123 pessoas inscritas para o curso, todas mulheres), foi necessária a ampliação do quantitativo de vagas de 40 para 80. Afirmando a urgência em debater os conceitos de currículo, formação e planejamento docente com as profissionais da educação básica. Sobretudo na conjuntura da época, que era de ressignificação das práticas escolares, dada a suspensão das aulas presenciais por conta do distanciamento social necessário à contenção da pandemia de COVID-19. No desenvolvimento deste artigo, apresentamos como se deu o curso e exploramos temas centrais que emergiram das/nas problematizações produzidas durante o curso.

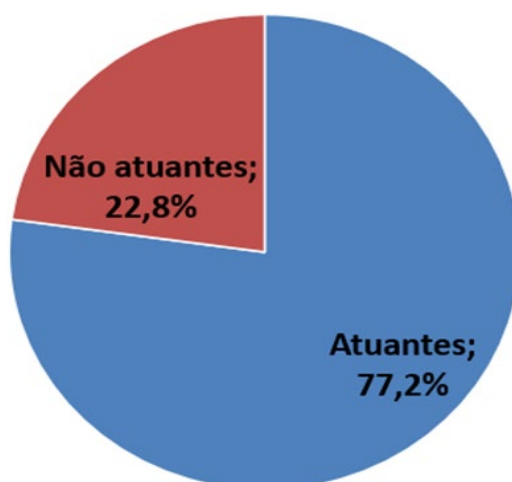
Assim, a partir das contribuições das cursistas produzimos uma cartografia em que se entrelaçam currículo, formação e planejamento docente na intenção de enunciar possibilidades de produzir práticas educativas mais autorais, contextuais ao cotidiano escolar e emancipadas da racionalidade neoliberal. Essa razão sempre ansiosa por transformar saber em produto, diferença em homogeneidade e o transbordo da vida em vazio consumista.

Um mapa aqui apresentado em tópicos, platôs delineadores do que produzimos ao longo do curso de extensão supracitado, quais sejam: O recreio como *espaçotempo* de *aprenderensinar*, destacando sua potência para além do lazer, como momento de interação, socialização, conexão, expansão e construção de saberes; O olhar sensível ao “vírus do conteudismo”, que expõe como políticas disciplinadoras do currículo escolar terminam por subalternizar saberes e existências diferentes do que tais políticas projetam e afirmam como universais e essenciais; Planejamento como ensaio, entendendo o planejamento como um processo dinâmico e colaborativo de produzir entusiasmo pelo que se pretende *ensinaraprender*. Esses temas, interligados, refletem a urgência de repensar a docência como ação de encontro, relação, problematização, conexão, expansão, transcrição de saberes e afirmação das diferentes existências presentes no cotidiano escolar e na vida.

O curso e as cursistas

O curso cuja proposta foi aprovada em edital das Pró-reitorias de Pesquisa e Pós-Graduação (PROGRAD) e de Extensão (PROEX) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) específico para Propostas de Projetos e Ações de Pesquisa, Inovação e Extensão para o combate à COVID-19.

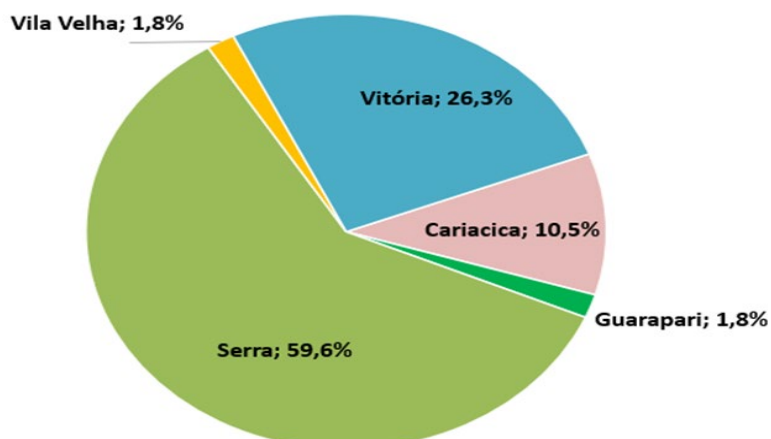
Gráficos 1 cursistas inscritas atuantes e não atuantes profissionalmente na docência



Fonte: Dados da pesquisa

Conforme gráfico 1, das 80 cursistas inscritas, 63 eram pessoas atuantes profissionalmente na docência. Sendo a maioria dessas, de acordo com o gráfico 2, atuantes na educação pública do município de Serra (*locus* da pesquisa). Embora tenham participado cursistas de quase todos os municípios da região metropolitana da Grande Vitória.

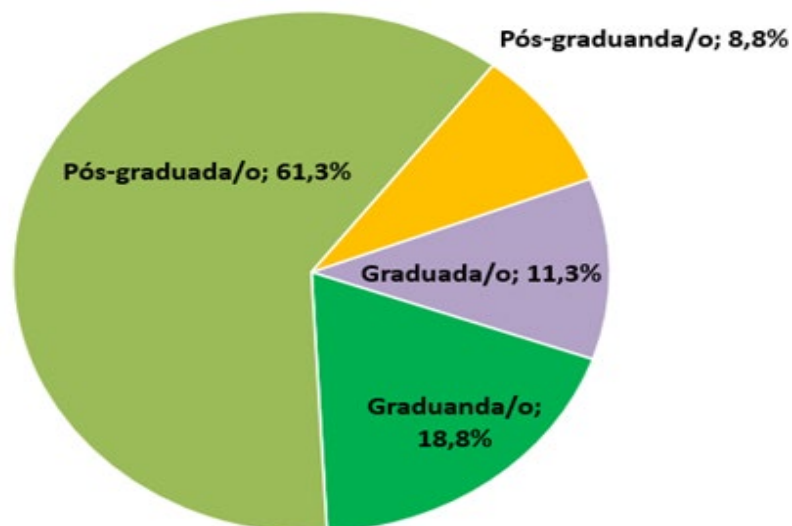
Gráfico 2: cursistas atuantes profissionalmente na docência em sistemas/redes Público-municipais por município



Fonte: Dados da pesquisa

Com relação à formação das cursistas que conosco *praticaram* o curso, apuramos que mais da metade do total de cursistas já havia concluído ao menos uma pós-graduação. Dado este apresentado junto a outras informações também referentes aos percursos formativos das 80 cursistas nos gráficos a seguir:

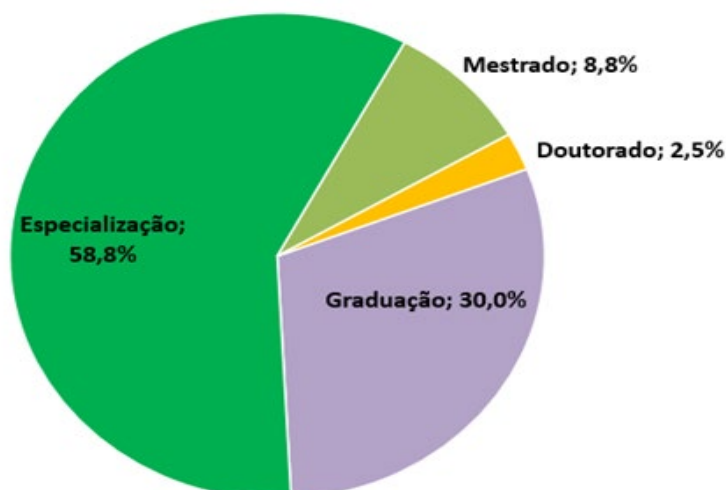
Gráfico 3: cursistas conforme processos formativos



Fonte: Dados da pesquisa

Dados que nos permitiram concluir que neste curso contamos com expressões, enunciados, experiências e concepções de pessoas em diferentes momentos do percurso formativo de profissionalização docente. Pessoas que ainda não atuam como docentes e pessoas que atuam na docência em diferentes contextos, diferentes sistemas e redes.

Gráfico 4: cursistas conforme processos formativos



Fonte: Dados da pesquisa

Conjuntura que enriqueceu as problematizações e enunciações produzidas ao longo do curso através da conexão de diferentes existências, diferentes *praticantespensantes* da docência, seus saberes e concepções acerca de currículo, formação e planejamento docente. Isso pois, nos fóruns do AVA foram tecidas poderosas redes de conversações entre as cursistas. Redes provocadas e sustentadas através da participação engajada, que agencia e une poética da colaboração e a interação social. Conectando vozes e saberes fomentando a criação de uma multiplicidade compartilhada, uma conversa constantemente aberta e em evolução (Carvalho, 2009).

Para disparar as problematizações nessas redes, apostamos na provocação através de filmes, leitura de textos, troca de experiências e produção de textos narrativos em fóruns *online*. A aposta foi na produção de múltiplas problematizações erosivas e expansivas dos conceitos de currículo, formação e planejamento docente. Lance mobilizado pelo desejo de contribuir com a produção de práticas educativas potentes em conectar, expandir e produzir saberes e existências outras através das aulas e seus acontecimentos.

Desejo que é processo construtor e jamais busca por algo ausente, alheio e/ou externo ao cotidiano *vividopraticado* (Deleuze; Parnet, 1994). Trata-se criação a partir do que há, processo calcado na conexão, expansão e transcrição (Corazza, 2013) dos diferentes saberes e existências que no cotidiano escolar se encontram nas mais variadas relações de *aprenderensinar*.

Para tanto, foram selecionados três curtas metragens e seis textos – a maioria de Nilda Alves (2019) – para provocar as/os cursistas nos três períodos que compuseram o curso. No primeiro período do curso (5h), a provocação se expressou em: “Voltamos à escola, e agora?”, cuja intenção foi promover problematizações sobre currículo através de conversações nos fóruns do (AVA) tendo como disparadores, além de textos, o curta metragem “O fim do recreio”⁵.

Curta cuja trama se desenvolve em torno de uma proposta de legislação nacional que, a pretexto de aumentar a eficiência das/os estudantes em seus estudos, ameaça preencher os 20 minutos de recreio diário com aulas e não mais recreação. Um filme potente em estimular problematizações sobre currículo e o que de fato importa nas relações escolares.

⁵ O FIM do Recreio. Direção: Vinícius Mazzon e Nélio Spréa. Canal Parabolé. 2012, 1 vídeo (17 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t0s1mGQxhAI>. Acesso em: 30 ago. 2025.

No segundo período do curso (15h) a provocação é a afirmação: “Aula é acontecimento e exige planejamento/ensaio para acontecer”. Aqui apostamos na afirmação da docência enquanto relação de *aprenderensinar* que se dá nos/pelos encontros entre seus *praticantespensantes*, estudantes e docentes.

Com o avanço nessas provocações, solicitamos das cursistas a produção de um texto narrativo sobre algum acontecimento para o qual houve ensaio em falta ou excesso. O curta metragem provocador neste período é “O Ensaio”⁶. Um filme emocionante que fala da efemeridade dos acontecimentos, das relações entre mãe e filho, entre professora e estudantes, entre escola e família.

Sendo o ensaio apresentado ao longo do curso e aqui enunciado como preparação para *viverpraticar* os acontecimentos da docência ao invés de controlá-los, enredá-los e/ou predizê-los. Preparação sem a qual a produção de possíveis se torna improvável e as/os docentes são privadas/os das núpcias com o que se passa/acontece no cotidiano escolar (Larrosa, 2002).

No terceiro e último período do curso (5h) o convite foi poético e nele parafraseamos Guimarães Rosa⁷ com o seguinte enunciado: “Formação docente é um rasgar-se e remendar-se”. Neste período, retomamos as problematizações por meio de fóruns no AVA e para fomentar essas redes de conversações (Carvalho, 2009) foi solicitada a leitura de um último texto e a apreciação do curta metragem “Zero”⁸.

Ambos selecionados para mobilizar o pensamento em torno dos entendimentos acerca de formação docente e discente. O curta trata-se de uma animação que nos provoca com a apresentação de um mundo dividido em castas conforme o número, um rótulo determinado ao nascer e do qual não há como escapar. Um mundo aparentemente fechado aos possíveis e onde a formação é definida desde o nascimento sem qualquer possibilidade de transformação. Contudo, a vida, mesmo diante de tamanho determinismo, insiste, resiste e re-existe promovendo transcriação, transbordo.

Como atividade final do curso, foi solicitado a cada cursista a produção de um texto narrativo da jornada pessoal e coletiva empreendida ao longo das semanas de estudos em que as cursistas e coordenadoras/es do curso estiveram simultaneamente conectados e apartados. Atividade donde emergiram textos potentes em disparar problematizações outras sobre

⁶ ENSAIO. Direção: Gabriel Stabile. Tang Stabile, 2016. 1 vídeo (19 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fgS4yhWQqDY>. Acesso em: 30 ago. 2025.

⁷ ROSA, João Guimarães. **Tutameia**: terceiras estórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

⁸ ZERO. Zealous Creative, 2013. 1 vídeo (12 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bHc7pv3s7NE>. Acesso em: 30 ago. 2025.

currículo, formação e planejamento docente a partir de acontecimentos *vividospacticados* com/pelas cursistas.

Enunciados que expressam e nos contam do desejo de produzir práticas educativas potentes em conectar, expandir e transcriar (Corazza, 2013) saberes e não apenas transmitir conteúdos, preenchendo vazios. Desejo da aula como *espaçotempo* de encontro entre as/os *praticantespensantes* da docência. *Espaçotempo* de múltiplos acontecimentos e, portanto, múltiplas oportunidades de produzir possíveis nas práticas educativas, conectando, expandindo e transcriando saberes e existências outras, diferentes e desviantes dos produtos e formatações neoliberais apresentados como universais, inevitáveis e naturais para todas/os.

O recreio como *espaçotempo* de *aprenderensinar*

O recreio, por vezes considerado apenas como intervalo entre aulas, pausa das atividades escolares e/ou descanso da labuta de aprender, foi amplamente debatido no curso como um *espaçotempo* de múltiplas conexões e intenso *aprenderensinar* estudantil. Instantes não apenas de descanso, mas de *viverpraticar* múltiplas experiências entre colegas não apenas da turma e faixa etária, mas de toda a escola. Trata-se de *espaçotempos* em que a disciplina curricular se flexibiliza conferindo maior autoria nas experiências de *aprenderensinar*. Encontros em que as/os estudantes se envolvem para inventar, criar e *viverpraticar* através de diferentes formas de expressão e de fala (Lazzarato, 2014) outras formas de ser e estar no mundo.

Afirmção que encontra ressonância no enunciado a seguir que emergiu ao longo do curso desejando a extrapolação do currículo para além do que ele disciplina: “*A escola não é somente ministrar conteúdos, tem que haver momentos de interação também. E o momento mais propício é o recreio*” (Cursista n-1⁹, comunicação pessoal).

Indicativo de que o recreio é um *espaçotempo* importante, em que a conexão de diferentes saberes e a afirmação das diferentes existências presentes no cotidiano escolar se dão naturalmente sem a disciplina de qualquer currículo. Naturalidade comumente negligenciada pela lógica conteudista hegemônica na educação escolar, uma racionalidade que define saberes

⁹ Para que seja possível vislumbrar a multiplicidade e a diferença de enunciados e enunciantes comendo a cartografia, após cada enunciado capturado ao longo do curso colocaremos a marca Cursista n-1, subtraindo a singularidade da multiplicidade constituída (Deleuze; Guattari, 1995). Afirmando a diferença sem criar identificações e mantendo a integridade dos diálogos em sua linguagem cotidiana e coloquial. Ver: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Trad. A. Guerra Neto e C. P. Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

como produtos a serem consumidos, adquiridos pelas/os estudantes. Produtos escolhidos como essenciais a todas/os e habilmente elencados, por faixa etária, etapas, fases, anos e séries da educação básica, por políticas curriculares como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Documento no qual os direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento foram simplificados em uma perspectiva pedagógica focada exclusivamente na reconhecimento. cuja concretização se manifesta por meio de uma dinâmica que subordina o currículo à lógica da avaliação baseada em desempenho (Dourado; Oliveira, 2018). Uma lista que define os conteúdos que cada estudante deve absorver, consumir ao longo da educação básica.

Listagem que engessa o currículo de tal forma que sufoca a autoria das/os estudantes e docentes com uma avalanche de saberes essenciais a adquirir/administrar e sequencialmente comprovar que foram aprendidos e ensinados. Armadilha que finda por situar o recreio como *espaçotempo* escolar em que as/os estudantes estão liberadas/os de suas obrigações para interagir livremente.

Pois nos recreios se dão encontros e acontecimentos “*imprescindíveis para o processo de ensino-aprendizagem, são momentos que favorecem e ressignificam as interações*” (Cursista n-1, comunicação pessoal). São momentos de *aprenderensinar* com as diferentes existências que povoam a escola os saberes que extrapolam o essencial da BNCC, posto que essa não dá conta de abarcar todo saber contextual presente e emergente nos diferentes cotidianos escolares. Dito de outro modo, o recreio é “*território do aluno, quando num curto espaço de tempo, ele tem a oportunidade de expressar-se livremente, expor seus afetos, alegrias e frustrações*” (Cursista n-1, comunicação pessoal). *Espaçotempo* autoral e de conexão com o outro pois “*é um momento de troca de experiências, manifestação de valores, construção de laços de amizade e percepção de que todos somos diferentes e aprendemos com o outro*” (Cursista n-1, comunicação pessoal).

Assim, entendemos com as cursistas que o recreio, longe de ser um momento de improdutividade e puro ócio, é um *espaçotempo* encharcado de acontecimentos e, portanto, de conexão, expansão, transcrição de saberes e afirmação das diferentes existências imanentes ao cotidiano escolar. Entendimento que de modo algum deseja explorar o potencial do recreio para fins pedagógicos, mas sim fazer ver que os acontecimentos do/no recreio impulsionam aprendizagens importantes, as quais, sob a disciplina do currículo e da sala de aula não acontecem. Ou seja, nosso desejo aqui é por aulas em que estudantes e docentes sejam mais autores de suas práticas educativas, encontros afirmativos das diferentes existências,

problematização, conexão, expansão e transcrição de diferentes saberes. Desejamos, portanto, aulas mais parecidas com os recreios e não o contrário.

O olhar sensível ao “vírus do conteudismo”

Conforme enunciado por uma das cursistas o “vírus do conteudismo” está impregnado nas escolas pois as/os docentes são *“muito cobrados por estar com o conteúdo em dia, por preencher tantos documentos, por obter ‘resultados’ ‘números’ [que findam] cedendo ao vírus do conteudismo”* (Cursista n-1, comunicação pessoal). Trata-se de um controle disciplinar sobre o currículo *vividopraticado* que, através de políticas como a BNCC associadas a avaliações externas, precariza a profissão docente negando-lhe a autoria sobre a docência que *vivepratica*. Em suma, transforma docentes em aplicadores de conteúdos e provas, fornecedores de produtos e fiscais de seu consumo. Ao passo que, simultaneamente reduz as/os estudantes a consumidores de conteúdo.

Contudo, mesmo sob tamanho controle, há ainda docentes que entendem que *“[...] nosso papel é muito importante na formação do aluno e não podemos nos ater apenas ao conteúdo! Precisamos valorizar os demais saberes que talvez não estejam inseridos no “currículo” da BNCC. Saberes sociais, culturais, valores morais, afetivos...”* (Cursista n-1). Nós docentes e também as/os estudantes que conosco *vivempraticam* a docência precisamos, nos entremeios, nas fissuras das políticas curriculares homogeneizadoras produzir nossa autoria sobre os processos de *aprenderensinar* que desenvolvemos cotidianamente.

Mais do que resistir nós, *praticantespensantes* da docência, precisamos re-existir: afirmar nossas diferentes existências e saberes, asseverando que somos produtores de saber e não apenas consumidores, aplicadores e fiscais da vida escolar. Nós, estudantes e docentes, que praticamos e pensamos a docência cotidianamente na escola, em seus acontecimentos precisamos nos reconhecer co-autores dos saberes que conectamos, expandimos e transcriamos.

Necessidade de re-existir para a qual o olhar sensível da/o docente é indispensável. Um olhar, enunciado ao longo do curso como *“atento, empático e questionador”* (Cursistas n-1), uma postura própria de quem se coloca “com” e não “sobre” as/os estudantes. Atitude que para as cursistas constitui elemento essencial para compreender, conectar e afirmar as heterogeneidades da/os estudantes, seus diferentes modos de vida e de existir no mundo. Olhar/postura/atitude *“[...] que percebe, que se espanta, que sai de si e vai ao encontro do outro, que escuta, que se doa, que abraça”* (Cursista n-1). Sensibilidade e disponibilidade que

possibilita a construção de relações de *aprenderensinar* em que a diferença constitui potência e não mais obstáculo.

Trata-se de entender o currículo como processo tecido a muitas e diferentes mãos. Entender que planejar uma aula não pode ter a ver com projetar algo a aplicar ou preparar a aula, mas sim preparar-se para aula, para *viverpraticar* a aula enquanto encontro de *aprenderensinar* com as diferenças e impulsionado por elas. Planejar o currículo, esse processo a tecer, tem a ver então com criar em si disponibilidade, abertura ao que os acontecimentos do cotidiano escolar têm de potência, de possíveis.

Para tal, uma cursista sublinhou que: “*precisamos ouvir nossos alunos! Ninguém melhor do que eles para nos dizerem do que precisam e, assim, juntos, tomarmos as melhores decisões*” (Cursista n-1). Escuta de quem está disponível para *viverpraticar* a docência, enquanto relação horizontal e rizomática de *aprenderensinar* entre as/os *praticantespensantes* da docência. Postura de quem não aceita ser apenas consumidor/aplicador de conteúdos.

Planejamento como ensaio

O planejamento foi enunciado no curso como uma prática viva e contínua, concebida como ação, processo de preparar-se para a *viverpraticar* a aula, um ensaio. Ensaio que nada tem a ver com reproduzir ou decalcar algo projetado sobre as/os estudantes, “[...] mas sim investigar, pesquisar e impregnar-se daquilo que desejamos proferir de modo a criar em nós disponibilidade para a produção de inspiração, de fascínio, de encantamento pelo que professamos” (Faria; Gomes, 2020, p. 102). Enunciação, entendimento que rompe com a visão tradicional do planejamento como um roteiro fixo, conceituando em vez disso, o planejar docente como ação de produzir disponibilidade aos possíveis. Processo de abertura às oportunidades de *aprenderensinar* que os encontros, conexões e problematizações dos diferentes saberes imanentes ao cotidiano escolar faz acontecer. Planejamentos que “[...] *devem ser sempre rascunhos ao invés de receitas a seguir ou lista de conteúdos a cumprir*” (Cursista n-1).

Ensaio entendido como processo criativo que deseja a heterogeneidade de saberes e a busca produzindo disponibilidade à afirmação das diferentes existências presentes no cotidiano escolar. Desse modo, planejar é ato de “[...] *abrir-se ao encontro com o outro, ao inesperado, ao que provoca e produz em nós transformação*” (Cursista n-1). Abordagem que coloca as/os estudantes como *praticantespensantes* da docência defendendo que o currículo, a aula e as

práticas de *aprenderensinar* são produzidas “com” eles, e não “sobre” eles. Processos impulsionados por docentes disponíveis, abertos aos possíveis dos encontros, sendo essa disponibilidade produzida, ensaiada a cada ação de planejamento docente.

Preparação que se fortalece na coletividade docente reunida. A qual compartilha diferentes saberes e experiências entre si nos diferentes *espaçotempos* de reunião como recreio, encontros com pedagoga/o, reunião de equipe, entre outros. Compartilhamento para o qual é preciso também estar disponível, para que as diferenças não sejam reduzidas a problemas e conseqüentemente rechaçadas. Repulsa incutida nas/os docentes por currículos e políticas educacionais disciplinadoras e precarizantes da profissão docente. O que gera situações como a relatada a seguir: “*os professores não só não quiseram participar, como criticaram a iniciativa... estou muito desanimada*” (Cursista n-1). Isso, pois ensaiar, planejar a docência e relacionar-se com as diferenças exige esmero, pesquisa e dedicação, ao passo que a aceitação do que está posto como ideal, essencial e universal pouco exige da/o docente.

Por fim ao longo do curso enfatizamos que o planejamento como ensaio é uma prática que ultrapassa a organização de conteúdos, sendo um convite para experimentar, problematizar e criar coletivamente disponibilidade aos possíveis. Perspectiva em que as/os cursistas enunciaram o planejamento como processo pedagógico de abertura aos possíveis da aula, um perene preparar-se para *viverpraticar* a docência com entusiasmo e desejo por encontrar, conectar, transcriar e expandir diferentes saberes afirmando diferentes existências.

Considerações finais

Ao longo do curso de extensão discutido neste artigo problematizamos a relevância de repensar o planejamento docente, esgarçando a visão burocrática e projetiva que muitas vezes o caracteriza. Ao adotar uma perspectiva que enxerga a aula como um acontecimento (Lazzarato, 2014), o curso destacou a importância de as/os professoras/es se prepararem não para transmitir conhecimentos, mas para estarem abertos às possibilidades que surgem no dia a dia da escola. Os possíveis de *aprenderensinar* pela problematização, conexão e expansão de diferentes saberes, afirmando existências outras desviantes da igualdade posta como universal. Produzimos de forma coletiva um mapa conectando diferentes enunciações referentes a planejamento docente, com a participação de 80 cursistas, em sua maioria professoras da educação básica, que compartilharam entre si e nós: vivências, experiências e saberes.

Em nosso mapa destacamos três platôs compostos a partir da conexão entre diferentes enunciações produzidas pelas cursistas: o recreio como um *espaçotempo* de *ensinoaprendizagem*, a crítica ao “vírus do conteudismo” e o planejamento como um ensaio. Composições que reforçam a necessidade de re-existir pela docência enquanto prática de encontro, problematização, conexão, transcrição (Corazza, 2013) e consequente expansão de saberes pela força da afirmação das diferenças.

O recreio foi declarado como momento essencial para interação, socialização, e transcrição e expansão de saberes, indo além de uma simples pausa entre as aulas. Perspectiva que aponta para a necessidade de os *espaçotempos* escolares serem, mais flexíveis e autênticos, permitindo que estudantes e docentes sejam também co-autoras/es das práticas educativas que cotidianamente *vivempraticam*.

Flexibilidade e mobilidade curricular para superar o conteudismo que sufoca a autoria docente e oprime estudantes com suas listagens de conteúdos essenciais a consumir. Superação pela re-existência da docência enquanto encontro de *aprenderensinar* “com” estudantes. Com sua autoria curricular preservada e mobilizada, em co-autoria do-discente afirmativa de suas existências e seus diferentes saberes.

Finalmente, o planejamento docente foi enunciado ensaio: processo dinâmico e colaborativo de preparação da/o docente para os encontros que ocorrem em sala de aula. Produção de disponibilidade, de abertura aos possíveis desses encontros. Perspectiva que esgarça a ideia tradicional de planejamento para além de um roteiro fixo, destacando a importância de estarmos abertos às possibilidades de *aprenderensinar*. Oportunidades mobilizadas, agenciadas e acionadas pela problematização, conexão, expansão e transcrição de diferentes saberes afirmativos da heterogeneidade de existências que *vivempraticam* o cotidiano escolar.

Em síntese, ao longo do curso as participantes em seus enunciados evidenciaram a urgência de se produzir com as/os *praticantespensantes* da docência, práticas educativas mais autorais. Práticas que tenham a diferença como força motriz e sejam afirmativas da legitimidade dos diferentes modos de vida e existência que povoam as nossas escolas. Possíveis de re-existência da docência enquanto relação produtora e não reprodutora de saberes. Relação de disponibilidade ao outro, seus saberes para com ele produzir conexões e consequentemente a expansão dos saberes horizontal e coletivamente em co-autoria.

Referências

- ABRANCHES, Graça. **Guia para uma linguagem promotora da igualdade entre mulheres e homens na administração pública**. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade Género, 2009. Disponível em: https://www.cig.gov.pt/wp181content/uploads/2015/11/Guia_ling_mulhe_homens_Admin_Publica.pdf. Acesso em: 4 jan. 2025.
- ALVES, Nilda. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas**: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje. São Paulo: Cortez, 2019.
- CARVALHO, Janete Magalhães. **Cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis: DP et Alii, 2009.
- CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre: Doisa, 2013.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **O abecedário Deleuze**. Produção: Direção: Pierre André Boutang. Entrevistadora: Claire Parnet. Paris: Éditions Montparnasse, 1994. 1 DVD (453 min), color.
- DOURADO, Luiz Fernandes; OLIVEIRA, João Ferreira de. Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os impactos nas políticas de regulação e avaliação da educação superior. In: AGUIAR, M. A. S.; DOURADO, L. F. (org.). **A BNCC na contramão do PNE 2014-2024**: avaliação e perspectivas. Recife: ANPAE, 2018. p. 38-43.
- FARIA, Izaque Moura de; GOMES, Larissa Ferreira Rodrigues. **O planejamento como ensaio docente**. Campos dos Goytacazes: Encontrografia, 2020.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2025.
- LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Trad. L. Corsini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LAZZARATO, Maurizio. **Signos, máquinas, subjetividades**. São Paulo: N-1 Edições. 2014.

Sobre o autor e a autora

Izaque Moura de Faria: Doutorando e Mestre em educação pela Universidade Federal do Espírito Santo, pedagogo especialista em psicopedagogia e professor da Educação Básica do município de Serra - ES. Área de concentração: Tecnologias Educacionais, Currículos, Cotidianos, e Formação de Professores.

E-mail: izaque.faria@gmail.com

Larissa Ferreira Rodrigues Gomes: Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Mestre em Educação (UFES). Possui Licenciatura Plena em Educação Física (UFES) e Licenciatura em Pedagogia (ISEAT). Coordenadora do grupo de pesquisa do CNPQ “Currículos, culturas juvenis e produção de subjetividades”; membro do grupo de pesquisa do CNPQ “CICLOS”.

E-mail: larissa.rodrigues@ufes.br

Recebido em: 19 fev. 2025

Aprovado em: 31 ago. 2025